

ESCRAVOS FUGIDOS E SEUS SENHORES NA COMARCA DO RIO DAS MORTES - DÉCADA DE 1830.

Ana Caroline de Rezende Costa

Universidade Federal de São João del Rei

Resumo: Através dos anúncios de escravos fugidos publicados no periódico Astro de Minas entre 1827 e 1839 procuramos conhecer o perfil dos escravos fugidos que viviam na Comarca do Rio das Mortes e buscar informações sobre os seus senhores nas listas nominativas da década de 1830. O objetivo deste trabalho foi examinar as relações escravistas frente ao contexto da comarca e se aproximar das condições de vida dos escravos que fugiram. Os resultados apontam que a fuga foi praticada por um padrão bem discernido de escravos, mas atingiu senhores de grandes e pequenas posses.

Palavras-chave: Minas Gerais no século XIX, Comarca do Rio das Mortes, escravidão, fugas de escravos.

Área temática: 1. História Econômica e Demografia Histórica

As fugas são compreendidas pela historiografia da escravidão como a forma mais difundida e típica de resistência ao escravismo.¹ Para a historiografia, a deserção do cativo poderia ser motivada por diversos fatores, sendo inconformismo com a condição escrava a explicação mais tradicional.² Porém, a historiografia avançou com a observação da experiência dos escravos e a ênfase na ideia de negociação, acrescentando outras motivações que repousam na quebra da “normalidade” das relações na escravidão, das quais seriam exemplos: o descumprimento senhorial das folgas semanais, castigos excessivos, não concessão de um lote para cultivo próprio, o rompimento de relações afetivas por causa de venda. Segundo J. J. Reis e Eduardo Silva:

a principal motivação para fugas e revoltas parece ter sido a quebra de compromissos e acordos anteriormente acertados. Existia em cada escravo idéias claras, baseadas nos costumes e em conquistas individuais, do que seria, digamos, uma dominação aceitável. As medidas, é claro, sofrerão variações sensíveis, conforme passemos de um africano recém-chegado a um crioulo ou mulato acostumado ao clima da terra. De qualquer maneira, a quebra desse padrão, desse *modus vivendi*, joga, frequentemente, grandes grupos à decisão de revolta.³

Apesar da importância das fugas para a sociedade escravista, essas ações foram pouco registradas. Podemos conhecer escravos fugidos em menções nos inventários e testamentos, em processos

¹ “A unidade básica de resistência ao sistema escravista”, segundo J. J. Reis e Eduardo Silva, que acrescentam: “para um produtor direto definido como ‘cativo’, o abandono do trabalho é um desafio radical, um ataque frontal ao direito de propriedade (...) é um ato extremo e sua simples possibilidade marca os limites da dominação”. REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp.62-63.

² Como no estudo clássico de GOULART, Jose Alipio. *Da fuga ao suicídio: aspectos de rebeldia do escravo no Brasil*. Rio de Janeiro/ Brasília: Conquista/ INL/MEC, 1972. Ver também GUIMARÃES, Carlos Magno. *Uma negação da ordem escravista: quilombos em Minas gerais no século XVIII*. São Paulo: Ícone, 1988.

³ REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e Conflito... op. cit*, p. 67.

judiciais, nos registros policiais e das cadeias municipais e, a principal fonte, em anúncios publicados nos jornais Oitocentistas. Cada uma dessas fontes tem propriedades diferentes. Testamentos e inventários só relacionam escravos fugidos à época da morte do senhor; as fugas ocorridas antes disso não eram mencionadas. Talvez escravos fugidos há muito tempo, para os quais não já não existia expectativa de retorno, nem fossem citados nessas fontes. Além disso, nem todos os senhores de escravos deixaram testamentos e inventários. Processos judiciais apenas abordam o problema da fuga quando está implicada a ação de alguma pessoa livre, seja “seduzindo” escravos a deixar seus senhores ou abrigando fugitivos. Já a documentação das cadeias, onde escravos recuperados, ou pessoas suspeitas de fuga, aguardavam a identificação de seus senhores, é escassa e só dá conta das fugas que não deram certo. Os anúncios em jornais, por sua vez, são manifestações espontâneas de senhores que, ao comunicar a fuga de um escravo, pretendiam aumentar as chances de reavê-lo. Não se conhece o tempo decorrido entre a fuga e a publicação do anúncio, mas é plausível que os senhores aguardassem alguns dias para se certificar de que o desaparecimento do escravo não se tratava de uma escapadela eventual. Em periódicos e jornais que tiveram mais tempo de publicação, os anúncios de fuga podem compor séries e receber tratamento estatístico. Acreditamos que estas sejam as fontes mais representativas para o estudo dos escravos que fugiam.⁴ Entretanto, essa fonte só aparece no século XIX, com a liberação da imprensa no Brasil, e é mais difundida, apenas, na segunda metade daquele século.

Mas os anúncios de fuga não permitiam conhecer apenas os escravos que fugiam. Através da busca nominativa dos senhores que publicavam os anúncios é possível conhecer quem eram os escravistas que enfrentavam a debandada de sua propriedade e aproximar alguns elementos da vida e trabalho dos cativos. Não temos notícia de nenhum estudo sobre fugas de escravos que tenha se preocupado em conhecer os proprietários que viam seus escravos fugirem e analisar as características específicas dos planteis de onde evadiam. Este texto busca avançar nesse ponto através da busca nominal dos senhores que anunciavam escravos fugidos em listas nominativas para visualizar seus domicílios e escravarias. A importância desse procedimento é que isso permite adiantar algumas noções sobre o contexto da servidão enfrentada pelos escravos que fugiam, em que atividades se ocupavam e como eram organizados os planteis em que viviam.⁵ Como afirma Stuart Schwartz, os requisitos do trabalho prepararam o palco onde os senhores e cativos realizaram uma série de negociações que poderiam abrir certo *espaço social* para os escravos, ou negar-lhes tais espaços, acarretando ações como as fugas.⁶

Os anúncios de escravos fugidos publicados no periódico *Astro de Minas* constituem a fonte inicial dessa proposta.⁷ Tal periódico surgiu na cidade mineira de São João del-Rei e teve sua vigência entre 1827 e 1839, tendo como seus redatores Baptista Caetano de Almeida até 1835 e após a morte

⁴ Gilberto Freyre foi pioneiro na análise de anúncios de fugas de escravos. A motivação da fuga e seu significado para o sistema escravista, no entanto, não foram problemas enfrentados pelo autor. Ver FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. 4ª edição. São Paulo: Global, 2010.

⁵ Como mostra Marcos Andrade na reapreciação da Revolta de Carrancas, existiram estratégias senhoriais na composição e trato de suas escravarias visando diminuir as possibilidades de confronto, como por exemplo, a o incentivo à formação de famílias. ANDRADE, Marcos F. *Elites regionais e a formação do Estado imperial brasileiro: Minas Gerais – Campanha da Princesa (1799-1850)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008, p. 286-296. As estratégias senhoriais também dependiam das atividades nas quais os senhores estavam envolvidos.

⁶ SCHWARTZ, Stuart B. *Escravos, roceiros e rebeldes*. Bauru: EDUSC, 2003, p. 89.

⁷ Toda a série de números disponíveis encontra-se microfilmada e disponível para consulta na Biblioteca do Campus Dom Bosco da Universidade Federal de São João Del Rei (BCDB/UFSJ)

deste o Pe. Marinho. Sua tiragem era semanal e em quase todos os números existem anúncios de fuga. Esses anúncios trazem as principais informações que permitem elaborar uma caracterização do escravo fugido, tais como sexo, origem (africano ou crioulo), idade e, em alguns casos, o ofício do cativo, se ele fugiu sozinho ou acompanhado e, no caso dos africanos, se eram ladinos ou recém-desembarcados. Além dessas, várias outras informações encontradas nos anúncios de fuga podem revelar aspectos do seu cotidiano e das relações de trabalho, como objetos levados pelos escravos quando da fuga, instrumentos e/ou ferramentas de trabalho, ou marcas de castigos e sinais de maus-tratos.⁸

Para dar um passo no sentido de aclarar as condições enfrentadas pelos escravos que fugiam, também nos valem das listas nominativas da década de 1830 dos distritos da Comarca do Rio das Mortes,⁹ nas quais empreendemos busca nominal dos senhores que anunciavam fugas de escravos no *Astro de Minas* e recuperaremos informações sobre sua profissão e as atividades nas quais empregavam seus escravos. Com essa fonte também conhecemos as características das escravarias de onde os cativos fugiam atentando para as proporções entre homens e mulheres e entre africanos e crioulos. Os dados das listas, contudo, fornecem uma visão estática das condições de posse do senhor que teve escravos fugidos. Como mostra Marcos Andrade, essa é um tipo de fonte que “nos permite contemplar apenas um retrato parcial e circunstancial da vida material do proprietário. A situação poderia inverter-se dali a cinco, dez ou vinte anos”.¹⁰

Tentamos manter uma delimitação espacial rigorosa do nosso objeto. Para tanto, definimos como palco de análise os limites da Comarca do Rio das Mortes no ano de 1835, quando ela abarcava apenas os termos São João del Rei, São José del Rei (atual Tiradentes), Tamanduá (atual Itapecerica) e Lavras. Assim, procedemos apenas à análise dos senhores destas localidades que anunciaram a fuga de escravos. Ao centrar o foco da análise pretendemos apresentar resultados que permitam mensurar com mínima segurança o fenômeno da fuga.

1. A Comarca do Rio das Mortes na década de 1830

Embora a fundação da Comarca do Rio das Mortes se deva principalmente a descoberta de veios auríferos na região, desde os primórdios destacou-se por sua vocação para atividades agrícolas e pastoris voltadas para o abastecimento.¹¹ Tal aptidão apenas foi acentuada com o tempo e, em 1782, o desembargador José João Teixeira Coelho escreveu que “a comarca do Rio das Mortes é mais vistosa e a mais abundante de toda a capitania em produção de grãos, hortaliças e frutos ordinários”.

⁸ O historiador Flávio Gomes destaca ainda características das fugas e fugitivos, que revelam as estratégias empregadas pelos escravos para não serem capturados: inculcar-se de libertos e/ou forro, trocar de roupa após fugir, mudar de nome, procurar couro e ocupação junto a outros senhores ou lugares. GOMES, Flávio dos Santos. Produzindo a liberdade: fugitivos e identidades no Rio de Janeiro. In _____. *Experiências atlânticas: ensaios e pesquisas sobre a escravidão e o pós-emancipação no Brasil*. Passo Fundo: Ed. UFP, 2003, p.51.

⁹ Banco de dados das listas nominativas de Minas Gerais, década de 1830. CEDEPLAR/UFMG.

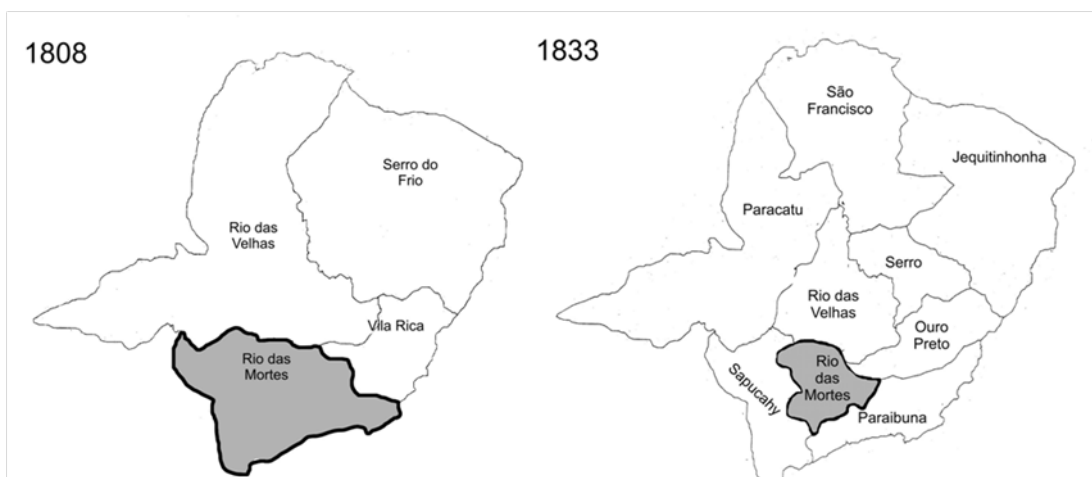
¹⁰ ANDRADE, Marcos Ferreira de. *Elites regionais e a formação do Estado imperial...* op. cit. p. 287.

¹¹ SILVA, Flávio Marcus da. *Subsistência e poder: a política do abastecimento alimentar nas Minas setecentistas*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p.232.

Essa produção era tão elevada que “além da própria sustentação, prove toda a capitania de queijos, gados, carnes de porco etc”.¹²

Tais atividades se intensificaram a partir de 1808 com a chegada da Família Real ao Brasil. A transferência da Corte portuguesa engendrou o alargamento e dinamização do mercado interno no Império e a localização da Comarca do Rio das Mortes foi crucial para seu maior desenvolvimento.¹³ Entre o testemunho de Teixeira Coelho e a chegada da corte, a Comarca do Rio das Mortes praticamente triplicou de tamanho. Segundo o clássico estudo de Kenneth Maxwell, a população da Comarca do Rio das Mortes passou de 82.781 habitantes em 1776, para 213.617 em 1821. Para o autor, ocorreu uma transferência da população em contrapartida ao deslocamento do eixo econômico das atividades mineradoras para o agropastoreio.¹⁴ Porém, como mostra Alexandre Cunha, as antigas vilas de mineração não foram o palco destacado do aumento populacional da Comarca Rio das Mortes que se deu principalmente nas novas áreas ao Sul.¹⁵

Mapa 01 - Limites das Comarcas de Minas Gerais:



Fonte: BERGAD, Laird W. *Escravidão e História Econômica: demografia de Minas Gerais, 1720-1888*. Bauru (SP), EDUSC, 2004, p.37 e p.39.

Esse crescimento diferenciado possivelmente está por trás das mudanças administrativas da Comarca no século XIX. Tal como outras regiões de Minas, a Comarca do Rio das Mortes passou por inúmeras alterações por conta de “uma política administrativa dinâmica”.¹⁶ Os mapas acima mostram como a Comarca do Rio das Mortes foi se restringindo aos núcleos de ocupação mais

¹² COELHO, José João Teixeira. *Instrução para o governo da capitania de Minas Gerais*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1994, p. 79.

¹³ Nesse sentido existem os trabalhos de LENHARO, Alcir. *As tropas da moderação: o abastecimento da Corte na formação política do Brasil, 1808-1842*. São Paulo: Símbolo, 1979. GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. *A Princesa do Oeste e o mito da decadência de Minas Gerais*; São João del Rei, 1831-1888. São Paulo: Annablume, 2002. ANDRADE, Marcos Ferreira. *Elites regionais e a formação do Estado imperial brasileiro...* op. cit.

¹⁴ MAXWELL, Kenneth R. *A Devassa da Devassa: a Inconfidência Mineira, Brasil-Portugal, 1750-1808*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p.110.

¹⁵ CUNHA, Alexandre Mendes. *Minas Gerais, da capitania à província: elites políticas e a administração da fazenda em um espaço em transformação*. Niterói: ICHF/UFF, 2007, p.104.

¹⁶ MARTINS, Maria do Carmo Salazar. Revisitando a província: comarcas, termos, distritos e população de Minas Gerais em 1833-35. In PAIVA, Clotilde Andrade; LIBBY, Douglas C. (orgs). *20 anos do Seminário sobre a economia mineira 1982-2000: coletânea de trabalhos*. Belo Horizonte: UFMG, 2002. v.2. 365 p. v.2-História econômica e demografia histórica; p. 54.

antiga. Na virada do XVIII para o XIX a Comarca compreendia os seguintes termos: Barbacena, Queluz, Baependi, Campanha da Princesa, Tamadua, Jacuí, São José e São João del Rei. Em 1833 a Comarca se resumia aos termos de São João del Rei, São José del Rei (atual Tiradentes), Tamandua (atual Itapeçerica) e Lavras.

Segundo o levantamento dos mapas de população de 1835 realizado por Maria do Carmos Salazar Martins, a Comarca do Rio das Mortes tinha, em 1835, 91.979 moradores, sendo 55.146 (59,95%) livres e 36.833 (40,05%) escravos. Essa proporção significativa de escravos revela o dinamismo econômico da Comarca, como já foi discutido por Afonso de Alencastro Graça Filho.¹⁷ No segmento livre havia equilíbrio entre brancos e pretos/pardos livres, respectivamente, 29,6% e 29,3% da população. Como mostra Bergad, a Comarca do Rio das Mortes concentrava a maior parcela da população branca de Minas no século XIX – cerca de 62% da população branca verificada no ano de 1821 – o que o autor atribui à emigração de brancos de outras partes da capitania em busca de terras no Rio das Mortes.¹⁸ Quando aos livres não-brancos, sua expressividade informa que as possibilidades de ascensão para descendentes de escravos não estavam vedadas. Se, por um lado, essa situação pode ter estimulado nos escravos a expectativa de integrar o mundo dos livres, por outro lado, as probabilidades dos não-brancos adquirirem escravos minou as chances de solidariedade entre eles e a população mancipia.¹⁹

As listas nominativas da década de 1830 têm cobertura um pouco inferior aos mapas de população de 1835 – cobrem 46 dos 64 distritos presentes nos mapas – e, por isso, relatam 30.437 escravos, 82,6% da população escrava aferida por Martins. Porém, as listas oferecem informações mais detalhadas sobre essas pessoas. Por essa fonte sabemos que 55,9% dos escravos listados eram nativos, enquanto os outros 44,1% africanos de diversas origens, com clara predominância dos centro-africanos. As informações sobre sexo, idade e origem dos escravos permitem conhecer que entre os africanos havia enorme desproporção entre os sexos, bem como elevada parcela de pessoas jovens e, portanto, aptas ao trabalho. Esse dado indica a ação do tráfico a continuamente incorporar mão de obra nova nas escravarias da Comarca do Rio das Mortes.²⁰ Por outro lado, a masculinidade equilibrada entre os escravos nascidos no Brasil, conjugada à grande quantidade de escravos em idade infantil (1 a 14 anos) é importante indício de reprodução natural da escravaria, como pode ser verificado nas pirâmides etárias a seguir.²¹

¹⁷ GRAÇA FILHO, Afonso de Alencastro. *A Princesa do Oeste...* op. cit.

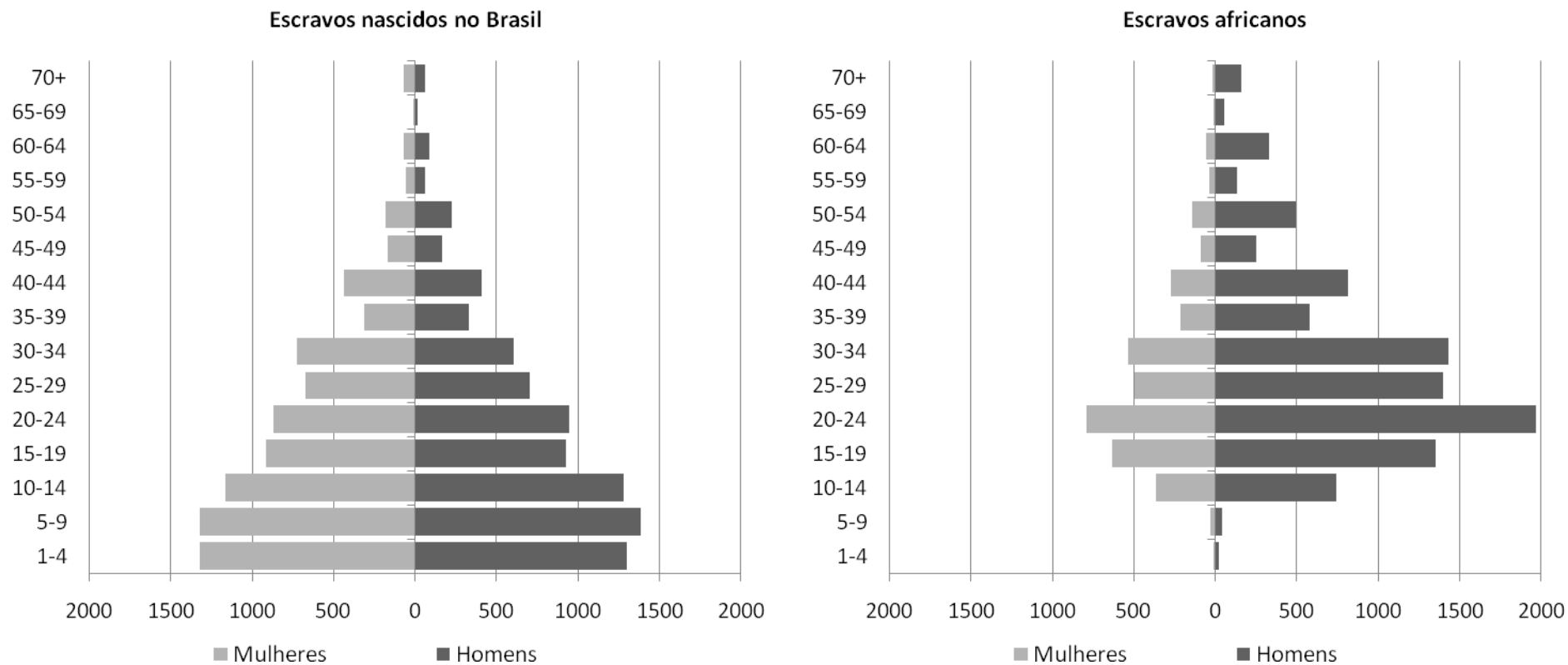
¹⁸ BERGAD, Laird. *Escravidão e história econômica...* op. cit., p. 188-189.

¹⁹ LIBBY, Douglas C.; PAIVA, Clotilde A. Alforrias e forros em uma freguesia mineira: São José d'El Rey em 1795. *Revista Brasileira de Estudos de População*. Vol.17, n.1/2, pp.17-46, jan./dez. 2000.

²⁰ João fragoso e Roberto Guedes apontam que nas décadas de 1810 e 1820 Minas era grande conuidora dos escravos desembarcados no Rio. FRAGOSO, João; FERREIRA, Roberto Guedes. Alegrias e artimanhas de uma fonte seriada. Os códices 390, 421 e 425: despachos de escravos e passaportes da Intendência de Polícia da Corte, 1819-1833. In BOTELHO, Tarcísio R. e outros (orgs.). *História quantitativa e serial no Brasil: um balanço*. Goiânia: Anpuh-MG, 2001.

²¹ A posição de Libby nos parece a mais adequada a explicar a situação que visualizamos para a Comarca do Rio das Mortes, pois o autor adota a linha de que o tráfico atlântico e a reprodução interna não se excluem mutuamente. LIBBY, Douglas C. O tráfico internacional e a demografia escrava em Minas Gerais: um século e meio de oscilações. In: FURTADO, Júnia F.. (org) *Sons, formas e movimentos na modernidade atlântica: Europa, Américas e África*. São Paulo: Annablume: Belo Horizonte: Fapemig: PPGH-UFGM, 2008.

Figura 01 - Pirâmides etárias da população escrava da Comarca do Rio das Mortes, década de 1830



Fonte: listas nominativas da década de 1830

Os setores de atividade que mais ocupavam domicílios na Comarca do Rio das Mortes eram, em ordem, as atividades agropecuárias, com quase metade dos fogos para os quais consta informação, as várias atividades de transformação artesanal, que ocupam mais de um quinto dos fogos (27,5%), o conjunto de associações ocupacionais com 13,8%, e o setor comercial com 7,1% dos fogos. Esses dados demonstram uma base agrária e rural para a economia do Rio das Mortes; mas simultaneamente apontam uma importante diversificação econômica e grande variedade de atividades produtivas. Destaque para o amplo setor artesanal e para o comércio, ocupando, juntos, mais de um quinto dos chefes de fogo com ocupação declarada. A agricultura, como atividade dominante e mais dinâmica na Comarca concentrava a maior parcela dos escravos.

Tabela 01:
Setores de atividade dos chefes de fogo – Comarca do Rio das Mortes - década de 1830

Setores	Domicílios			Escravos		
	Nº	% Geral	% Casos informados	Nº	% Geral	% Casos informados
Agropecuária	4464	42,15	48,48	21282	69,92	77,81
Mineração	102	0,96	1,11	380	1,25	1,39
Atividades manuais e mecânicas	2532	23,91	27,50	2374	7,80	8,68
Comerciante fixo	554	5,23	6,02	1651	5,42	6,04
Comerciante tropeiro	103	0,97	1,12	295	0,97	1,08
Serviço doméstico	12	0,11	0,13	6	0,02	0,02
Funcionário público	100	0,94	1,09	605	1,99	2,21
Associações ocupacionais*	1272	12,01	13,81	747	2,45	2,73
Desocupado	69	0,65	0,75	12	0,04	0,04
Soma dos casos informados	9208	86,95	100,00	27352	89,86	100,00
s/ inf.	1382	13,05		3085	10,14	
Total Geral	10590	100,00		30437	100,00	

Fontes: Listas Nominativas da década de 1830

* Associações ocupacionais representa o conjunto de pessoas que possuem mais de uma ocupação declarada. A maioria dos casos é de chefes de fogo que se ocupam da agricultura conjugada a outra atividade.

2. Escravos que fugiam

Para essa pesquisa coletamos todos os anúncios de fuga ou prisão²² de escravos publicados no *Astro de Minas* ao longo da sua trajetória (1827-1839). Ao todo, foram anunciados 343 escravos, mas esse número merece três observações. A primeira é que nem todos os números do periódico-fonte passaram pelo procedimento de microfilmagem, seja porque se perderam ou estavam muito deteriorados. Por isso, certamente, a quantidade de anúncios publicados é mais alta do que o conjunto a que tivemos acesso. A segunda ressalva é que excluímos os anúncios que se repetiram ao longo do tempo, embora tenhamos documentado o fato nas fichas. Finalmente, nem todos os 343 anúncios referem-se a escravos fugidos de senhores que residiam na Comarca do Rio das Mortes. Há proprietários de várias localidades da província e do Império que anunciam a fuga de seus escravos

²² Alguns anúncios (43 no total, 13,4%) foram publicados pela Câmara do município para comunicar a prisão de algum escravo fugido ou a detenção de alguém suspeito de ser um escravo fugido. Esses casos, que também se referem a fugas, não foram considerados na análise das fugas na Comarca do Rio das Mortes, uma vez que não informavam de onde era o escravo preso.

no *Astro de Minas*. A tabela a seguir mostra as regiões de onde eram os proprietários que anunciaram fugas no periódico.

Tabela 02:
Local dos proprietários que anunciaram no *Astro de Minas*

Local	N de anúncios	% geral	% casos conhecidos	% Acumulada
Termo de São João	63	18,37	25,82	25,82
Termo de São José	37	10,79	15,16	40,98
Termo de Tamanduá	14	4,08	5,74	46,72
Termo de Lavras	8	2,33	3,28	50,00
Outras Comarcas de Minas	61	17,78	25,00	75,00
Corte	36	10,50	14,75	89,75
Província Fluminense	14	4,08	5,74	95,49
Outras Províncias	11	3,21	4,51	100
Total dos locais conhecidos	244	71,14	100	
Não identificados	99	28,86		
Total Geral	343	100		

Fonte: *Astro de Minas* (1827-1839)

Como se verifica, para 71,1% dos anúncios foi possível identificar o local do proprietário. Para essa análise utilizamos apenas os anúncios de senhores que seguramente moravam na Comarca do Rio das Mortes, segundo a sua apresentação de 1835 – isto é, senhores que residiam nos termos das vilas de São João, São José, Lavras ou Tamanduá. Ao todo reunimos 122 registros de fugas entre 1827 e 1839, perfazendo uma média de aproximadamente dez fugas em cada ano pesquisado. Esses 122 escravos correspondem a 0,33% do total de escravos registrados na Comarca no ano de 1835.²³

As tabelas seguintes mostram as características de sexo, idade e origem dos escravos informados exclusivamente nos 122 anúncios que se referem à Comarca do Rio das Mortes.

Tabela 03
Sexo dos escravos fugidos na Comarca do
Rio das Mortes, 1827-39

Sexo	N de escravos	%
Masculino	106	86,89
Feminino	16	13,11
Total	122	100

Fonte: *Astro de Minas* (1827-1839)

A informação do sexo do escravo fugido está presente em 100% dos anúncios o que deduz que essa era a informação mais básica. A absoluta maioria dos fugitivos eram homens, 92% contra 8% de mulheres.²⁴ As mulheres tem esse índice menor por uma razão óbvia: elas eram em número menor do que os homens. Mas isso não explica tudo. As mulheres, geralmente, eram escravas de dentro das casas com funções domésticas. Dessa forma, a possibilidade de negociação poderia ser maior, uma vez que tinham uma relação mais próxima com seus donos. Outro fator que pode ter

²³ MARTINS, Maria do Carmo Salazar. Revisitando a província... op. cit.

²⁴ Segundo a historiografia sobre as fugas, o padrão masculino dos foragidos predominou em todas as regiões escravistas da América. Ver REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e Conflito...* op. cit., pp.75-77.

contribuído para o menor número de fugas entre as cativas é a maternidade. Dificilmente uma mãe arriscaria uma empreitada como a fuga com seus filhos, especialmente se esses fossem ainda pequenos.²⁵

Tabela 04
Idade dos escravos fugidos na Comarca do Rio das Mortes, 1827-39

Idade	N de escravos	% geral	% dos casos conhecidos
não informado	52	42,62	
11 a 20	20	16,39	28,57
21 a 30	32	26,23	45,71
31 a 40	12	9,84	17,14
41 a 50	3	2,46	4,29
51 a 60	3	2,46	4,29
Soma dos casos conhecidos	70	57,38	100
Total geral	122	100	

Fonte: *Astro de Minas* (1827-1839)

A idade do escravo fugido é a informação menos referida nos periódicos. Em 42% dos casos não é mencionado o dado e a grande maioria dos que o fazem é de maneira aproximada. Geralmente o senhor substituíra tal informação por outra mais ampla como “moleque”, “velho”, “rapaz”. Porém, é possível que esse dado fosse desconhecido, principalmente no caso dos africanos. Como se percebe pela tabela acima, a grande maioria daqueles que tiveram a idade identificada eram jovens. Isso porque normalmente homens jovens e ainda sem família tinham menos a perder com a fuga. Como afirma Robert Slenes, a família escrava guardava em si uma ambigüidade, pois enquanto provia laços interpessoais muito importantes para os escravos, ela tornava os cativos mais presos à sua situação. As possibilidades de o senhor punir suas mulheres e filhos poderia diminuir o ímpeto de contestação dos escravos.²⁶ Por outro lado, possibilidades de obtenção da liberdade, acesso a um parcela de terra para cultivo próprio e demais concessões senhoriais estiveram mais propícias aqueles escravos que conseguiram constituir famílias.²⁷

A origem dos escravos poderia contar muito à sua situação nos planteis. Escravos crioulos e pardos tinham melhores condições de ascensão e obtenção da liberdade.²⁸ Africanos, por sua vez, aportavam sem laços no Novo Mundo e tinha integração mais lenta aos planteis. A tabela abaixo, mostra como os escravos fugidos da Comarca do Rio das Mortes se distribuíam por origem e cor.

²⁵ REIS, João José & SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito...* op.cit, p. 76.

²⁶ SLENES, Robert. *Na Senzala uma Flor: esperanças e recordações na formação da família escrava – Brasil Sudeste, século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

²⁷ Ver nesse sentido, sobre a alforria os trabalho de SOARES, Márcio de Souza. *A remissão do cativo: a dádiva da alforria e o governo dos escravos nos Campos dos Goitacases, c. 1750 - c. 1830*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009 e GUEDES, Roberto. *Egressos do cativo: trabalho, família, aliança e mobilidade social* (Porto Feliz, São Paulo, c. 1798- c.1850). Rio de Janeiro: Mauad X, 2008. Sobre o acesso a parcelas de terra e estabelecimento de uma moradia independente, conferir o trabalho de Slenes citado na nota anterior. Sobre concessões senhoriais ver MATTOS, Hebe Maria. *Das Cores do Silêncio: os significados da liberdade no sudeste escravista – Brasil, século XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

²⁸ Ver os trabalho de Guedes e Soares na nota anterior.

Tabela 05
Origem e cor dos escravos fugidos na Comarca do Rio das Mortes, 1827-39

	Designativo	N de escravos	% geral	% casos conhecidos
Origem brasileira	Crioulo	38	31,15	34,86
	Pardo	15	12,30	13,76
	Cabra	4	3,28	3,67
	Soma do grupo	57	46,72	52,29
Origem Africana	Africano	3	2,46	2,75
	Angola	1	0,82	0,92
	Benguela	9	7,38	8,26
	Cabinda	7	5,74	6,42
	Cassange	3	2,46	2,75
	Congo	11	9,02	10,09
	Preto da Costa (ou "da Costa")	4	3,28	3,67
	Preto de Nação (ou "de Nação")	1	0,82	0,92
	Mina	1	0,82	0,92
	Moçambique	6	4,92	5,50
	Monjolo	2	1,64	1,83
	Negro	1	0,82	0,92
	Preto	1	0,82	0,92
	Mocena	1	0,82	0,92
	Mufumbe	1	0,82	0,92
	Soma do grupo	52	42,62	47,71
		Casos conhecidos	109	89,34
	Não identificados	13	10,66	
	Total Geral	122	100	

Fonte: *Astro de Minas* (1827-1839)

Entre os escravos que tiveram a fuga anunciada no *Astro*, 42,62% puderam ser identificados como africanos e 46,72% eram nativos no Brasil. Essa proporção é diferente do que Flávio dos Santos Gomes e Mary Karasch verificaram, respectivamente, nos jornais da Corte entre 1809 e 1826 e na década de 1830. Ambos os autores identificaram de 80 a 90% de escravos fugidos de origem africana.²⁹ A explicação do equilíbrio entre fugitivos nativos e crioulos no Rio das Mortes reside no grau de “crioulização” de sua população escrava, isto é, no nascimento de escravos na região, enquanto o Rio de Janeiro era uma cidade de desembarque contínuo de africanos. Na região mineira, a população escrava do Rio, como vimos, era em maior parcela nativa, muito embora a Comarca participasse ativamente do tráfico de escravos para Minas na primeira metade do século XIX.³⁰ O fato de que havia fugitivo nativos e africanos em igual proporção sinaliza que as condições que propiciavam evasões distribuíam-se igualmente segundo a origem dos escravos.

²⁹ GOMES, Flávio dos Santos. Produzindo a liberdade... op. cit. pp. 45-50. KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1800 - 1850)*. São Paulo: Cia das Letras, 2000, pp.401-402.

³⁰ LIBBY, Douglas C. O tráfico internacional e a demografia escrava em Minas Gerais... op. cit.

Tabela 06
Tipo de fuga dos escravos fugidos na Comarca do Rio das Mortes, 1827-39

Tipo de fuga	N de fugas	% geral
Sozinho	76	62,30
Acompanhado	17	13,93
casos identificados	93	76,23
não identificados	29	23,77
total geral	122	100

Fonte: *Astro de Minas* (1827-1839)

A tabela acima nos revela que a maior parte das fugas eram individuais, o que não é novidade. Márcia Amantino encontrou no *Universal* de Ouro Preto, em um total de 65 anúncios de fuga, 14 que foram realizadas de forma coletiva. Classificando por naturalidade os cativos envolvidos nessas fugas, a autora percebeu que os africanos fugiram mais com outros culturalmente próximos, o que a levou a deduzir que as fugas tinham uma estrutura endogâmica. Entre as 14 fugas coletivas apontadas por Amantino, somente uma era composta só de crioulos.³¹ Eduardo Silva admite que as fugas coletivas parecem possíveis somente em condições excepcionais, como o não cumprimento de conquistas dos cativos por parte dos senhores, como no caso do levante de Santana de Ilhéus, ou quando a “normalidade institucional” é rompida por desavenças do grupo dominante.³²

Vejamos alguns casos de fugas não-individuais que foram noticiadas no *Astro de Minas* que apresentam alguns elementos interessantes de como os escravos fugidos procuravam manter-se em liberdade. Em 1834 noticiava-se a fuga de Domingos e Sebastião, ambos de nação Congo e cativos do Capitão Brás morador em Tamanduá. Os escravos foram retidos e enviados a cadeia da Vila de Queluz quando estavam trabalhando em uma companhia de mineração para os “lados de Santa Rita.”³³ No ano seguinte foi anunciada a fuga de que três africanos e um cabra, cativos de José de Almeida Ramos e Vicente Venâncio moradores na Farinha Podre.³⁴ Joaquim, Felisberto e Antônio, negros da Costa, e João cabra fugiram levando uma espingarda. Aparentemente não há certeza de que fugiram juntos, pois no jornal lemos “desconfia-se que estão juntos e se dirigiram para a Vila de São João”.

Esses exemplos também apresentam aspectos sobre as perspectivas de inserção dos escravos fugidos. Embora no século XIX o ouro já não fosse a base da economia mineira, grandes empresas de mineração criavam espaços de demanda de força-de-trabalho e alimentos que aqueciam regionalmente a economia. Como mostra Douglas Libby, as maiores empresas desse tipo eram estrangeiras e usavam mão de obra alugada, sobretudo escravos, mas também outros trabalhadores.³⁵ Por outro lado, a fuga para uma área urbana poderia visar algum tipo de invisibilidade. Embora a vila de São João del não fosse uma urbe de grandes proporções para

³¹ AMANTINO, Márcia. “Os escravos fugitivos em Minas Gerais os anúncios do Jornal *O Universal* – 1825 a 1832”. *Lócus: Revista de História*. Juiz de Fora, v. 12, nº 2, pp. 59-74, 2006, pp.63-65.

³² REIS, João José & SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito...* op.cit. p. 77.

³³ *Astro de Minas*, nº 991, 22/03/1834.

³⁴ Atual região do Triângulo Mineiro.

³⁵ LIBBY, Douglas Cole. *Trabalho escravo e capital estrangeiro no Brasil: o caso de Morro Velho*. Belo Horizonte (MG): Itatiaia, 1984.

manter anonimato dos forasteiros, a constante passagem de tropeiros e viandantes tornava a presença de pessoas de fora do lugar algum comum. A necessidade de trabalho no setor de serviços poderia tornar as áreas urbanas um setor de atração para fugitivos que conhecessem algum ofício.

Márcia Amantino encontrou nos anúncios de fuga publicados no *Universal* uma maior quantidade de cativos sem especialização. A autora afirma que uma ocupação poderia interferir na qualidade de vida do escravo, dessa forma, a profissão poderia fazê-lo mais valorizado e melhor tratado pelo proprietário, diminuindo as possibilidades de fuga.³⁶ Já Flávio Gomes encontra números elevados de cativos especializados que fugiam das propriedades de seus senhores. Sua hipótese é de que esses escravos eram menos capturados. A ocupação por eles exercida concedia-lhes algumas “vantagens” como protetores e coiteiros durante a fuga. Uma ressalva interessante que o autor faz é que entre os fugidos especializados, 47% eram crioulos, o que demonstra que apesar do elevado número de africanos havia certa crioulição da mão-de-obra qualificada nas cidades.³⁷ A diferença entre os resultados de Amantino e Gomes certamente reside na questão do local, a primeira analisa Ouro Preto em Minas Gerais, e o segundo a Corte. Nas cidades maiores havia muitos senhores que viviam de alugar os serviços especializados de seus cativos. Já no interior, a maioria dos escravos trabalhava no eito e não precisava de especialização.

Tabela 07	
Ocupação dos escravos anunciados no <i>Astro de Minas</i> , 1827-39, na Comarca do Rio das Mortes	
Ocupação	N
Sem inf.	102
Alfaiate	2
Alfaiate e cozinheiro	1
Campeiro e boiadeiro e trabalha em bocetas	1
Carpinteiro	3
Carreiro	1
Costureira	1
Domador	1
Feitor	1
Ferreiro	1
Pedreiro	2
Roça, toca burros, domador	1
Sapateiro	3
Trabalha de roca	1
Tratar de animais	1
Total	122

Fonte: *Astro de Minas* (1827-1839)

Do total de 343 escravos anunciados no *Astro de Minas* em apenas 74 a ocupação foi declarada. Dentro desses 74, na Comarca do Rio das Mortes encontramos 20 cativos especializados. Embora

³⁶ AMANTINO, Márcia. “Os escravos fugitivos em Minas Gerais... op.cit, p. 65.

³⁷ GOMES, Flávio dos Santos. Produzindo a liberdade... op.cit, p. 50.

os casos coletados por Márcia Amantino em Ouro Preto sejam bem inferiores aos nossos, os resultados são semelhantes: poucos escravos qualificados. Nos casos coletados no *Astro de Minas* apenas dois escravos levaram ferramentas nas fugas. Foi o caso de Manoel e Fortunato, crioulos de Manoel Joaquim Quadros, morador em Lagoa Dourada, termo de São José. Os escravos evadiram levando 1 foice e 2 facas e, além disso ambos levaram muita roupa. De acordo com Flávio Gomes os objetos levados durante a fuga podem demonstrar aspectos da vida cotidiana dos escravos e o vestuário pode ser utilizado para disfarçá-los por mais tempo.³⁸

As marcas de nação e de maus tratos não aparecem com frequência nos escravos anunciados no *Astro de Minas*. Encontramos apenas 17 casos com marcas de nação e 4 por açoites. Entre as primeiras há sinais no rosto, dentes limados e orelhas furadas. Já nos maus tratos encontramos sinais de castigo nas costas e dedos danificados pelo uso de “anjinhos”.³⁹

3. Os senhores que anunciavam

Para essa etapa realizamos a busca nominal dos senhores que anunciavam fuga de escravos nas listas nominativas da década de 1830 a fim de obter informações mais detalhadas sobre suas respectivas propriedades. Utilizamos três critérios de validação para a busca nominal dos proprietários da Comarca do Rio das Mortes. O primeiro e óbvio foi o nome do senhor; o segundo, o lugar de residência do anunciante; e, terceiro, o nome do escravo. Trabalhamos dessa forma para garantir a confiabilidade dos dados finais para a análise. Dentre as fugas analisadas para a Comarca do Rio das Mortes, conseguimos localizar um conjunto modesto de 43 senhores que correspondem à 0,46% dos proprietários de escravos registrados nas listas nominativas da década de 1830;⁴⁰ mas representam um quarto de todos os senhores que anunciaram fugas de escravos entre 1827 e 1839 no *Astro de Minas*. Assim, a amostra identificada não é estatisticamente representativa de todos os senhores de escravos da Comarca e só com alguma boa vontade podemos considerar suas características como representativas do universo limitado de senhores que anunciaram fugas de escravos.

De qualquer forma, levamos a análise adiante comparando as características da nossa amostra com o universo geral dos senhores de escravos da Comarca. As tabelas 08, 09 e 10 seguintes reúnem atributos básicos que caracterizam nossa amostra de senhores que anunciaram escravos fugidos. Consideramos a ocupação, faixa etária e estado conjugal nesse primeiro momento, pois são atributos que informam tangencialmente sobre a inserção econômica desses senhores. A ocupação do senhor mostra o setor de atividade que possivelmente ocupava a maior parte dos esforços produtivos do fogo e condicionava diretamente a vida dos escravos. Já a idade e o estado conjugal relacionam-se à evolução da riqueza e propriedade. Homens viúvos e mais idosos certamente estavam num patamar de atividade econômica e riqueza diferente de homens jovens no início da vida conjugal. Essas diferenças influíam no trabalho que era esperado dos escravos.

³⁸ GOMES, Flávio dos Santos. Produzindo a liberdade... op.cit, p.51.

³⁹ Artefato de ferro utilizado para prender e apertar os dedos dos escravos.

⁴⁰ 10.519 fogos foram relacionados nas listas nominativas dos distritos da Comarca do Rio das Mortes na década de 1830. Em 4.207 deles (ou 39,73%) existiam escravos.

Ocupação	N
não identificado	2
administrador	1
agencia	1
alfaiate	1
boiadeiro	2
eclesiástico	1
juiz de vintena	1
lavrador	21
lavrador e militar	1
lavrador e negociante	1
mineiração	1
negociante	9
solicitador	1
Total	43

Fonte: *Astro de Minas* 1827-39; Listas Nominativas da década de 1830

Embora tenhamos verificado uma variedade de ocupações dos senhores que tiveram escravos fugidos, condizente com a diversificação econômica da Comarca, também não sai do padrão a maior participação de senhores que se dedicavam à lavoura, afinal, este era o setor que empregava a maioria dos escravos. Na verdade, caso considerássemos outras atividades exercidas no fogo, a lavoura estaria ainda melhor representada. É, por exemplo, o caso de quatro dos nove negociantes registrados que também desenvolviam a lavoura em seus domicílios. Deve-se destacar que os negociantes estão superiormente representados entre os senhores que tiveram escravos fugidos do que no controle de escravo pelo setor.

Faixas etárias	N	%
20 a 29	3	6,98
30 a 39	13	30,24
40 a 49	15	34,88
50 a 59	6	13,95
60 +	6	13,95
Total	43	100

Fonte: *Astro de Minas* 1827-39; Listas Nominativas da década de 1830

Em relação à idade desses senhores, mais da metade tinha entre 30 e 49 anos. Combinando essa informação com o fato de que a maioria era de pessoas casadas, podemos considerar que suas propriedades já estavam plenamente constituídas e produtivas. Senhores jovens e solteiros eram

poucos entre aqueles que anunciaram fugas de escravos, provavelmente porque também os donos de escravos com essas características também eram poucos. Senhores mais maduros e idosos já estavam em fase de desagregação de suas propriedades pelo dote e heranças e possivelmente tinham um ritmo mais moderado de produção e exploração.

Tabela 10
Estado conjugal de uma amostra de 43 senhores
que anunciaram escravos fugidos no *Astro de Minas* (1827-39) identificados nas listas
nominativas

Estado	N	%
casado	33	76,64
solteiro	5	11,63
viuvo	5	11,63
Total	43	100

Fonte: *Astro de Minas* 1827-39; Listas Nominativas da década de 1830

Dos proprietários da Comarca do Rio das Mortes que anunciaram fugas no *Astro de Minas* encontramos 5 mulheres, dentre as quais 4 viúvas e 1 solteira, sendo que 3 tinham mais de 50 anos e 2 estavam na faixa dos 30. Entre as ocupações dessas proprietárias temos lavradora, mineradora e negociante e suas escravarias variavam entre 2 e 22 escravos.

A tabela seguinte mostra o tamanho das posses de escravos dos senhores que anunciaram fugas no *Astro de Minas*. Não há surpresa em verificar que a maior parcela dos senhores que anunciaram fugas de escravos tivessem de 11 a 30 escravos, afinal, a maioria dos cativos estava alojada nessa faixa de posse. Chama atenção, no entanto, que senhores de 1 ou 2 e de 3 a 10 escravos vivenciassem fugas de escravos em seus pequenos planteis. É nesse sentido, de senhores com poucos escravos, os quais mesmo assim insistiam em fugir, que devemos considerar os 12 senhores que anunciaram fugas identificados como sem nenhuma propriedade mancípia nas listas nominativas da década de 1830.

Tabela 11
Tamanho das posses de uma amostra de 43 senhores que
anunciaram escravos fugidos no *Astro de Minas* (1827-39)
identificados nas listas nominativas

tamanho da escravaria	senhores	%
nenhum	12	27,91
1 ou 2 escravos	2	4,65
de 3 a 10 escravos	8	18,60
de 11 a 30 escravos	16	37,21
31 ou mais escravos	5	11,63
Total	43	100,00

Fonte: *Astro de Minas* 1827-39; Listas Nominativas da década de 1830.

Citemos alguns desses casos. Francisco Alves da Silva, morador no Bichinho, teve a fuga do escravo Silvestre Moçambique anunciada no *Astro de Minas* em 18/10/1831. Na lista de 1838 ele é

listado como não tendo nenhum cativo. Severino Rodrigues, morado no Padre Gaspar teve um escravo monjolo fugido noticiado em 07/06/1828 e na lista de 1831 também aparece sem propriedade escrava. Já Antônio Caetano Lobato anunciou em 11/08/1835 a fuga de Mateus cabinda e nas lista de 1838 ele aparece com apenas dois escravos. De Ana Quitéria Ribeiro, moradora no Cajuru, fugiu Clemente pardo noticiado em 26/04/1836. Na lista de 1838 Ana Quitéria aparece com seis cativos em seu poder. Esses são alguns exemplos de que, aparentemente, motivações que levavam os escravos a fugir apareciam em escravarias grandes e pequenas, em situações nas quais os senhores lidavam com dezenas de cativos e naquelas em que viviam praticamente ao lado de seus escravos. Essas ocorrências, mais do que casos excepcionais, indicam que a escravidão em pequenas ou grandes propriedades envolvia o conflito e a resistência dos escravos através da fuga.

Após identificar as principais características dos senhores que anunciaram fugas de escravos no Astro de Minas, selecionamos algumas informações básicas sobre suas escravarias para conhecer melhor o contexto em que viviam e trabalhavam os escravos fugidos. Consideramos que a proporção de homens para mulheres (razão de masculinidade), a proporção de africanos para brasileiros (africanidade) e a presença da família escrava eram as variáveis mais importantes e de mais fácil mensuração a partir das fontes disponíveis. A tabela resultante é a seguinte.

Tabela 13		
Características globais das escravarias de uma amostra de 43 senhores que anunciaram escravos fugidos no Astro de Minas (1827-39) identificados nas listas nominativas		
	N	%
Total de escravos	638	100,00
escravos masculinos	417	65,36
escravas	239	37,46
africanos	358	56,11
brasileiros	285	44,67
escravos unidos por laços familiares	144	22,57

Fonte: Astro de Minas 1827-39; Listas Nominativas da década de 1830

Primeiramente uma visão dos dados globais: os 43 senhores aqui identificados controlavam 628 escravos, ou 2,1% de toda a população servil da Comarca do Rio das Mortes listada nos mapas de população de 1835. 66,5% eram homens e 53,1% africanos. Percebemos que a masculinidade era elevada, o que certamente ocorria devido ao grande número de escravos africanos (os quais, como vimos, eram predominantemente homens). A africanidade nessa amostra de 43 posses aqui em vista é superior ao registrado na Comarca. Mas essas características são moduladas pelo porte da escravaria, como percebemos na tabela abaixo.

Tabela 14

Características das escravarias de uma amostra de 43 senhores que anunciaram escravos fugidos no *Astro de Minas* (1827-39) identificados nas listas nominativas por tamanho da posse

tamanho da escravaria	masculinidade	africanidade	% escravos c/ família
Até 10 escravos	123,08	100,00	22,41379
11 ou +	180,75	129,95	22,58621

Fonte: *Astro de Minas* 1827-39; Listas Nominativas da década de 1830

As posses com 10 ou menos escravos tinha razões de sexo e origem africana mais baixas do que as escravarias maiores. Essa diferença pode ser explicada pela maior participação no tráfico de escravos por parte dos senhores mais ricos, o que aumenta simultaneamente a africanidade e masculinidade das posses. Um dado inesperado é que as posses menores apresentaram a mesma proporção de escravos casado que as maiores. Pouco mais de um quinto (22,5%) desses escravos estavam unidos por laços de parentesco, a quase totalidade em relações conjugais (uma vez que as Listas Nominativas silenciam sobre relações filiais e outras).

Mas, mesmo escravos ligados por laços parentais fugiam. É o que mostra Isabel Reis, para quem as fugas empreendidas quer por membros de uma mesma família escrava, quer por casais de escravos casados legalmente ou que mantinham relação consensual, têm um sentido muito especial, pois representam o desejo de viver em liberdade – o que incluía a companhia dos seus.⁴¹ Nos casos anunciados no *Astro de Minas* encontramos apenas 3 casos de fugas que envolviam família. Um desses casos é o dos irmãos Tomé e Gabriel de 20 e 24 anos, respectivamente, ambos crioulos e escravos do Capitão Francisco José Teixeira morador em Conceição da Barra de Minas, termo de São João. Outro caso é da crioula Ana, propriedade de Luiz Joaquim Nogueira da Gama que fugiu levando a filha de 4 anos.⁴² O caso seguinte também envolve laços de parentesco: o pardo Custódio João, cativo do Padre Antônio de Siqueira Queiroz Silva morador na Vila de Sabará teve sua fuga foi anunciada em 1831, mas Custódio já se tinha evadido havia 16 anos. O que chama a atenção aqui é que o cativo é irmão de Luiza, também parda e escrava do mesmo proprietário e que fugiu. Infelizmente, não sabemos o desfecho da história, mas esse caso nos leva a crer que talvez Custódio tenha ido se juntar a sua irmã.

Ao fornecer concessões aos escravos, tais como um pedaço de terra para cultivo próprio, o casamento, uma moradia separada e até mesmo a alforria, os senhores esperavam conquistar a lealdade de seus cativos e com isso prendê-los a sua propriedade e manter a ordem nas escravarias.⁴³ Como afirmava o Barão do Pati do Alferes, “o escravo que possui nem foge, nem faz desordens”.⁴⁴ Ao premiar alguns escravos em relação aos outros, os senhores poderiam ainda

⁴¹ REIS, Isabel Cristina Ferreira dos. “Uma negra que fugio, e consta que já tem dous filhos”: fuga e família entre escravos na Bahia. *Afro-Ásia*, n°23, 1999, p.30.

⁴² Este anúncio é um dos que não há menção ao local de moradia do proprietário e, portanto, não está no nosso recorte espacial.

⁴³ Sobre a alforria e outras benesses como um concessão senhorial ver SOARES, Márcio de Souza. *A remissão do cativo...* op. cit.

⁴⁴ *Apud* REIS, João José & SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito...* op.cit, p.29.

estimular a rivalidade entre os escravos e desfavorecer sua unidade contra a casa-grande.⁴⁵ Mas as expectativas dos senhores poderiam ser frustradas justamente porque as concessões eram restritas e expectativas escravas não correspondidas poderiam causar fugas. Além disso, uma vez adquiridos pelos escravos, essas concessões eram vistas como conquistas e direitos sobre os quais qualquer interferência senhorial poderia causar conflito ou protestos, como a fuga.⁴⁶

Considerações finais

Durante os treze anos de publicação do *Astro de Minas* apenas as fugas de 144 escravos da Comarca do Rio das Mortes foram anunciadas, cerca de 10 por ano. O total de 144 escravos fugidos (uma fração mínima de 0,33% dos cativos registrados em 1835) e a média de dez fugas por ano parecem taxas baixíssimas. Mas é preciso considerar que esses números não representam a totalidade das fugas de escravos residentes na Comarca. Sabemos que alguns números do periódico se perderam e há a possibilidade de que neles existissem anúncios a que não tivemos acesso. Por outro lado, é plausível que nem todas as fugas fossem noticiadas. Sabe-se que no fim do século XIX, os senhores aguardavam algum tempo antes de anunciar o desaparecimento de um escravo. Nesse período, a situação poderia se resolver com o cativo retornando ou sendo capturado. Os registros desses casos são fortuitos e impossíveis de ser contabilizados.⁴⁷

Os 144 escravos fugidos do Rio das Mortes não foram os únicos que vieram ao conhecimento dos senhores, já que o *Astro* publicava anúncios de proprietários de várias regiões da província de Minas e do Império. A regularidade desses anúncios lembrava a senhores das possibilidades de fuga de seus escravos, não permitindo que o acontecimento passasse por atípico.

A maior parte dos escravos da Comarca do Rio das Mortes vivia em posses médias, onde havia número equilibrado de homens e mulheres. A possibilidade do casamento era factível e 20,9% dos escravos eram casados segundo os mapas de população de 1835. Suspeita-se que a formação de família diminuísse a incidência de fuga, embora mesmo escravos ligados por laços de parentesco fugissem. Na verdade, a ameaça senhorial às relações familiares estabelecidas poderiam foram o motivo de algumas fugas

Certamente não foram todos os escravos que buscaram a fuga, apenas uma pequena parte deles. Porém, o fato de que tenha sido uma ação empreendida tanto por jovens quanto por velho, homens e mulheres e, mais importante, que viviam em diferentes perfis de escravarias leva a crer que a fuga foi a atitude mais característica da insatisfação dos escravos.

A análise que realizamos mostrou que os senhores que anunciaram fugas de escravos não têm um perfil único. A maioria era de homens casados, como de resto a maioria dos senhores de escravos. Quase metade deles dedicavam-se à agricultura, mas esse setor era o que mais concentrava mão-de-obra escrava. Contudo, aparecem ocupações as mais variadas, na áreas dos transportes (boiadeiro),

⁴⁵ Esse argumento é desenvolvido em MATTOS, Hebe Maria. *Das Cores do Silêncio...* op. cit.

⁴⁶ Essa leitura diferenciada das concessões senhoriais é o que caracteriza a ideologia paternalista segundo GENOVESE, Eugene D.. *A Terra Prometida: o mundo que os escravos criaram*. Rio de Janeiro/Brasília: Paz e Terra/CNPq, 1988

⁴⁷ A não ser que tivéssemos acesso a documentos de administração das propriedades, como os que foram utilizados em GEBARA, Ademir. *Escravos: fugas e fugas*. In: *Revista brasileira de História*. São Paulo. V. 6, nº. 12, mar/ago 1986.

artesanato (alfaiate) e outras ocupações (eclesiástico, solicitador). Esses senhores tinham posses de tamanhos variados, sendo alguns pequenos proprietários que, com a fuga, perderam completamente sua posse. Suas escravarias apresentavam maior africanidade e masculinidade do que as taxas gerais da Comarca, especialmente as escravarias maiores – cujos senhores lançavam mão do tráfico de escravos para manter suas posses.